

As revelações do Ideb



Benjamin Ribeiro da Silva
Presidente
do Sieceesp –
Sindicato dos
Estabelecimentos
de Ensino no
Estado de São
Paulo

Mais uma vez, os resultados apresentados pelo Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) 2013 frustram as expectativas de especialistas e pessoas interessadas em ver a melhoria do ensino no Brasil. Após oito anos de avaliações, os números mostram que os primeiros anos do ensino fundamental (1º ao 4º) continuam melhorando, mas os finais (6º ao 9º) e o ensino médio estagnaram e não alcançaram as metas estimadas.

Dos 27 estados brasileiros, 16 obtiveram um Ideb pior em 2013 do que dois anos antes, e outros seis, apesar de terem resultados melhores, ainda ficaram abaixo das metas. Na média nacional, o ensino médio manteve os mesmos 3,7 pontos de 2011, nas redes pública e privada, quando deveria ter chegado a 3,9.

Só para lembrar, o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica mostra a evolução na qualidade da educação nos ensinos fundamental e médio. É calculado a cada dois anos, em escala de zero a dez, e é usado o Censo Escolar para medir a aprovação e as médias do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb) e da Prova Brasil para mensurar o desempenho. Como é usado o Saeb, os índices da escola particular são feitos por amostragem, não existindo um ranking para esse segmento de ensino.

Em 2012, o então ministro da Educação, Aloizio Mercadante, afirmou que todas as escolas privadas seriam obrigadas a realizar, em 2013, a Prova Brasil, usada para calcular o Ideb e o desempenho das particulares; só que a promessa não foi cumprida e, portanto, apenas uma amostra da rede privada faz parte da avaliação.

A rede particular teve piora na nota do ensino médio. Dos 27 estados, apenas Roraima atingiu a meta estabelecida pelo governo federal; 18 estados tiveram nota menor em 2013 em comparação a 2011. Nas séries finais do ensino fundamental, 24 estados não alcançaram o patamar previsto para 2013, mas as notas cresceram em dez estados, caíram em 11 e ficaram estáveis em seis. Em compensação, no primeiro ciclo do ensino fundamental (1º ao 5º ano), a situação melhora, pois 15 estados conseguiram atingir a meta e 22 apresentaram crescimento na nota.

A escola particular vive uma situação peculiar, pois, além de não ser obrigada a participar das provas de avaliação, teve aumentado o número de matrículas em sua rede. Isso se deve principalmente à melhoria da economia, que permitiu que muitas famílias, que anteriormente não tinham condições, optassem pelo ensino pago. Só para se ter uma ideia, de 2010 a 2013, a educação básica do ensino privado teve um



crescimento de 1,1 milhão de matrículas; enquanto isso, o total de matriculados na educação básica do País teve uma queda de 51,5 milhões para 50 milhões no mesmo período. Isso fez com que a participação da rede privada no total de alunos matriculados subisse de 14,7%, em 2010, para 17,2%, em 2013. Na rede particular, a nota do ensino médio baixou de 5,7, em 2011, para 5,4, em 2013, mas, ainda assim, segue à frente das escolas públicas.

Na constatação final, percebe-se que o sistema educacional tem melhorado para os estudantes mais novos, mas esse ganho se perde com o passar das séries. Isso nos leva a uma reflexão: é necessário rever conceitos, principalmente no ensino médio.

Por outro lado, relatório publicado recentemente pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) mostra que o gasto público em educação por aluno no Brasil representa um terço do valor que é investido, em média, pelos países mais desenvolvidos do mundo. Enquanto aqui se gasta menos de 3 mil dólares por estudante a cada ano, lá se investem 9 mil dólares. Será que é só essa a diferença? Ou também, e principalmente, faltam gestão e planejamento? Temos um longo caminho a percorrer. ■

benjamin@einstein24h.com.br